



CONFRADES DA POESIA

www.confradesdapoesia.pt - Email: pinhaldias@gmail.com



«JANELA ABERTA AO MUNDO LUSÓFONO/UNIVERSAL»

SUMÁRIO

Capa: 1 / Voz do Povo: 2 / Voz do Poeta: 3,4 / Poesia Fluida: 5,7,8,9,10 / Poetas da Nossa Terra: 6 / Confrades da RCP: 11 / Sabedoria Popular: 12 /

EDITORIAL

O BOLETIM Mensal Online (PDF) denominado "Confrades da Poesia" foi fundado com a incumbência de instituir um Núcleo de Poetas, facultando aos (Confrades / Lusófonos) o ensejo dum convívio fraternal e poético. Pretendemos ser uma "Janela Aberta ao Mundo Lusófono e outros países"; explanando e dando a conhecer esta ARTE SUBLIME, que praticamos e gostamos de invocar aos quatro cantos do Mundo, apelando à Fraternidade e Paz Universal. Subsistimos pelos nossos próprios meios e sem fins lucrativos. Com isto pretendemos enaltecer a Poesia Lusófona, no acréscimo da Poesia Universal e difundir as obras dos nossos estimados Confrades que gentilmente aderiram ao projecto "ONLINE" deste Boletim.

Promovemos "A Paz"
A Direcção

«Este é o seu espaço cultural dedicado à poesia»

Para nós não existe concorrência. Existem parceiros de actividade!

POETAS DA NOSSA TERRA página 6



Nesta edição colaboraram 40 poetas

Deixamos ao critério dos autores a adesão ou não ao "Novo Acordo ortográfico"

FICHA TÉCNICA

Boletim Mensal Online

Propriedade: Pinhal Dias - Amora / Portugal | Revisão: Lahnpip

A Direcção: Pinhal Dias - Fundador

Colaboradores: : Aires Plácido | Anabela Dias | Anna Paes | Chico Bento | Custódia Nunes | Edgar Faustino | Felismina Mealha | Fernando Vasconcelos | Filomena Gelido | Cilomena Camacho | Glória Marreiros | Herculano Montagreste | Hermilo Grave | João C Santos | João da Palma | João Furtado | Joel Lira | Jorge Cortez | Jorge Ferreira | José Catalão | José Jacinto | Lauro Portugal | Luís Fernandes | Luiz Poeta | Magda Brazinha | Magui | Manuel Carvalho | Manuel Nobre | Maria Fraqueza | Maria Petronilho | Maria Procópio | Maria Rita | Maria Vitória Afonso | Nogueira Pardal | Paco Bandeira | Pinhal | Quim Abreu | Sara da Costa | Silvais | Tito Olívio | Tolentino | Vitalino Pinhal ...

**(In:) - Coroa de Sonetos2**

Que surjam mais Bonanças frutuosas!
De tantas tempestades traiçoeiras...
Que a água corra em todas as ribeiras
P'ros rios, desaguando preguiçosas!

Águas que reguem terras arenosas...
Fazendo germinar as sementeiras
Que um vasto marulhar de ondas ligei-
ras...
Nas praias, se espreguicem amorosas!

Iremos melhores dias esperando
Embora muitas vezes só sonhando
Que a terra se transforme num jardim!

Esperemos que a Bonança não se ausente
A esperança pode vir tardiamente,
Mas qualquer tempestade tem um fim!

João da Palma - Portimão

TERNURA

Nas largas estradas do pensar,
Que o tempo não reduz,
Neurasténico, sedento de vida,
Sente vaga e estranha saudade
Por uns lábios cor de carmim
Por certos olhos
Que sempre fogem dos seus.

Na ânsia de um abrigo
Sonha louca fantasia de carícia
De uma certa mão sobre a sua.

Quer sentir verdadeira
É não fingida alegria

Afinal, só anseia por ternura,
Presente, atual
É não vaga, só futura.

João Coelho dos Santos
Lisboa

Um tapete onde a cor se derrama prodigamente!
Muitas vezes não paramos para um êxtase de
contemplação!
Será que, como diz Nelson Ferreira,
"O artista é cego; a arte é que vê"?
Fotografia a folhas no chão.

Filomena Gomes Camacho



“O Cristo não ensinou
A fazer mal a alguém
Morro “pobre” porque sou
Mais “rico” do que ninguém”

Silvais – Alentejo

REMORSOS

São cinco prás duas, mas andam à solta
Duendes, fantasmas e mais bicharocos.
Na dança das noites, que não têm trocos,
Ideias sem forma partiram, sem volta.

Na letra cantada da vida, que passa,
Penduram-se as cores escuras, fugazes,
Das horas perdidas, vãs, falsas, mordazes.
E podem ser úteis, mas falta-lhes graça.

Eu gosto do tempo, que passa moroso,
Se toca, se apalpa, se bebe, gostoso,
Mas nem o amor serve de abrigo seguro,

Pois restos ficaram, no além do que foi,
Farrapos e lixo, lembrança que dói
E fica connosco durante o futuro.

Tito Olívio – Faro

A LIBERDADE

Se um dia eu agarrar a liberdade
Vou por aí prender o vento
Cantar vitórias ao relento
À liberdade a renascer...
Se um dia eu agarrar a liberdade
Hei-de deter guerras ferozes
As violências
Os abismos
As falsidades
A mentira
Se um dia eu agarrar a liberdade
Hei-de acender estrelas na minha mão
Sem tempestade de luar
Hei-de colher espigas douradas
Tirar espinhos do roseiral
Hei-de plantar ...
Sementes de Amigo!
Mas se um dia aprisionar a Liberdade
Irei depor no meu poema
As palavras que não escrevi
Que foram levadas
Foram lançadas
Esquecidas, perdidas
Amordaçadas
Guardadas, mutiladas
Em cofres de silêncio
Se um dia eu agarrar a liberdade
Renascem alvoradas...
E cantarei o meu meu Poema de Paz!

Maria Fraqueza - Fuzeta

Recordar !... Com Amor !...

O tempo percorrido
Na memória do Vento ...
Trazem consigo lembranças
Dos Loucos vividos momentos ...
No leito desfeito
Da perdição envolvente ...
Tivemos o sonho
Enlace sem razão
Loucura inesquecível
Um Amor de Perdição !!!!...
Cada olhar !
Cada Toque !
Cada Respirar !
Era a alma que se soltava ...
Enquanto teu corpo Excitado
Com doçura se apropriava
Originando silenciosos sons
E o momento se eternizava !...
Nos teus braços !...
Corpos excitados
Envolventes...Ritmados !...
Num êxtase desmedido
Ouviam-se mutuamente
As palavras ternas
Dos corpos ferventes !...
Era o delírio
A entrega total
Do corpo já sem forças
Desmaiado ... nirvânico ...
Mas louco de Paixão !...

MAGUI - Sesimbra

Os cento e vinte cinco.

Mote

**Os cento e vinte cinco
A não chegar para todos...**

Sentem-se angustiados
Recebem os do ativo
Com bolso de adesivo
Os privados reformados?
No caixão são contemplados!
São embrulhados nos rodos
Lama, tinta e lodos
Foram chumbados em zinco
**Os cento e vinte cinco
A não chegar para todos...**

Pinhal Dias (Lahnip) PT
Montemor-o-Novo

Ao chamares-me inteligente
fiquei logo desconfiado
porque há muito pouca gente
que por esse nome sou chamado

Vitalino Pinhal – Sesimbra

RESTAURADORES

Foi em mil oitocentos e oitenta e seis,
que o obelisco, representando a vitória
sob o domínio espanhol, e suas leis,
que o povo o erigiu ditando história!

Por isso a Liberdade que está a norte
a olha com ternura e a admiração,
dos bravos que na vida deram morte,
nas batalhas da Guerra da Restauração!

Hoje o mimo ainda está na arquitectura,
reliquias ancestrais que os povos do Brasil
e de Portugal, fizeram por subscrever.

Lisboa, tem páginas soltas de bravura,
onde cada dia há uma flor de Abril
e uma voz que diz não até morrer!

Joel Lira - Amora

A LAGOA

Deixei meus sentimentos na lagoa
que o tempo fez questão de já secar,
deixando as libelinhas, pelo ar,
sem água, onde o zumbido sempre ecoa.

Ficou mais pobrezinha essa coroa
da joia, onde navego sem ter par,
nas lamas ressurgidas do lugar
que emana uma lembrança má e boa.

Peguei nos limos secos da saudade
que habitam no meu ser que teima e há-de
pôr água na lagoa dos lamentos.

Depois, as libelinhas voltarão
trazendo outono, inverno, sem verão
à minha primavera, em sentimentos.

Glória Marreiros - Portimão

Porque Tudo é Sonho

Brincar na areia, ao sol!
Correr, mergulhar e rir!
Escutar o secreto cantar
das sereias ao sol-pôr...

Gritar para o vento
Poemas de amor!
Fazer uma fogueira,
Escutar as estrelas
Com a lua dançar

e
Recordar vidas passadas:
A minha e a tua... suponho,
que há tanto a dizer...
Porque tudo é sonho!

Maria Petronilha - Almada

“SE FORES AO ALENTEJO”

Mote:

**Se fores ao Alentejo
Passa lá, pelos Tacões!
Dá-lhe um abraço e um beijo,
E as minhas saudações!**

Glosas:

Vai conhecer essas fontes...
De tradições de sobejo
Visita Aldeias e Montes,
Se fores ao Alentejo!

Traz-me de lá novidades
E ouve as suas canções.
Não vagueies só nas cidades
Passa lá, pelos Tacões!

Essa Província da calma...
Que eu adoro e desejo!
Se encontrares algum Palma,
Dá-lhe um abraço e um beijo

Os Fernandes, outro laço,
Raízes de gerações!
A todos, dá um abraço,
E as minhas saudações!

João da Palma, (Amlapad)

APRENDE-SE.

Aprende-se a perscrutar:

- A dimensão do sussurro...

- O descanso do silêncio...

- O vazio do eco...

Aprende-se...

- A falar de mansinho...

- A escrever sem barulho...

- O avesso da agitação...

Quando...

Apenas vivemos connosco mesmo!

Filomena Gomes Camacho - Londres

É tempo de Figueiros

Cheguei, fui dar uma voltinha e, pensei...
É tempo de figueiros.

Há uns anitos tive vai e não vai, arranco não arranco.
Ainda bem que a deixei crescer.
Figueiras já lá tenho duas e bem grandes.
Uma delas talvez a mais velhinha da aldeia.

A figueira cresceu e vejam lá,
Fui dar com ela carregadinha de figos.

Onde, onde, onde?

Não digo. É segredo. E, diz o povo:

- um segredo bem guardado nem ao pão deves dizê-lo e,
se lhe disseres a seguir deves comê-lo.

Aires Plácido (AP) - Amadora

O Mar

Oh Mar
Fecundo sagrado
Secreto profundo
O amigo maior
Domundo

Óh Mar
Imenso tormento
Reparto contigo
És o único amigo
A quem me confesso

Se eu morrer
Nas ondas do mar
Não chores mãe
Que eu vou voltar
Ao lar

Óh Mar
Salgado reflexo
Divino principio
Ai do sacrificio
Que trago no peito

Óh Mar
Porquê velho amigo
Quando te revoltas
Não salvas não poupas
Os que estão contigo

Se eu morrer..

Vou desnaufragar contigo
Se o meu mundo me desafogar
Deixarei o cais de abrigo
Porque o perigo está no cais
Não no mar

Paco Bandeira
Montemor o Novo





AMÁLIA, SEMPRE

Dedilhei uma guitarra
 Numa noite doce e calma
 Pincelada de luar
 Senti soluços na alma
 E ouvi Amália, Amália
 Que estava ali a cantar

E no céu tão estrelado
 Uma estrela canta o fado
 E aproxima-se de mim,
 Eu encantada e perdida
 Senti que o fado tem vida
 E amalia cantou-me assim

É uma lágrima
 Que te deixo como flores,
 Ao meu povo, meus amores
 A quem eu sempre me dei
 E quando ouvir uma guitarra
 Sempre, sempre cantarei

Que estranha forma de vida
 Está no céu da minha rua
 Mora pertinho da lua
 A estrela mais cantadeira
 Que canta para todos nós
 amalia sempre, sempre
 A tua voz

Sara da Costa - Cano/Sousel



Malmequer pequenino

Eu queria ser uma flor
 Para sempre ser amada
 Despertar o doce amor,
 Mas nunca ser desfolhada

Malmequer pequenino
 Encanto da Primavera
 Fazes lembrar um anjinho
 Ser como tu quem me dera.

Malmequer pequenino
 Bordado em ponto de luz
 Tens a brancura do linho
 E a candura de Jesus.

Brancura de puro linho
 Serás sempre o meu amor
 Para ter o teu carinho
 Eu queria ser uma flor.

Custódia Nunes
 Paivas/Amora

Gélido esfarrapa-se o vento a ondear,
 Da Natureza,
 o cenário em tremelejo.
 Cansadas,
 melancólicas,
 em desalinho,
 Juncam as folhas,
 o chão, em torvelinho.
 No intervalo do vento,
 sopra o vento.
 Em desacordes sinfónicos musicados,
 Desnudando da Natureza a alegria,
 Vestindo-a do cinzento a melancolia.

Filomena Gomes Camacho. - Londres

– DIZEI-ME

Vós, que dizeis não crer,
 Dizei-me se todos os dias
 Há ou não há milagres,
 Como o luar da lua cheia
 E o da alegria na solidão?
 Dizei-me se é verdade ou não
 Que os portugueses de outrora tinham
 Numa das mãos o livro para ensinar
 E na outra a espada,
 Para os fracos defender!

Dizei-me, vós que vos dizeis ateus,
 Por que de mim não se esqueceu Deus
 E por que Escariote foi escolhido por Jesus.

Terminado o caminho do chão da cruz
 Começou o da eternidade de Deus
 Na figura de seu filho Emanuel.

Dizei-me se em momentos
 De quebra e desalento
 A cruz é ou não é
 Amor e dor supremos.

João Coelho dos Santos - Lisboa

Em jeito de saudade

Naquele circular espaço,
 Onde a terra se calava para ouvir a noite
 E onde o Sol se acendia e morria deslumbrado,
 Deslumbrando...
 O vento às vezes...rugia,
 Limpando o chão que sorria,
 às folhas mortas, voando!
 E eu, presa a cada momento,
 Atentava na sua morfologia...
 Ora nua, sem pudores...
 Ora verde e florida de mil cores!
 Ora Outonal, deslumbrante...
 Ou então chorosa e triste,
 Alagada de emoção.
 Minha terra.
 Este meu chão!

Felismina mealha - Lisboa

Conta e Tempo

Prestar contas a Deus a gente conta
 Sempre adiando o dia desse tempo
 Que é factura aberta que remonta
 E para nós vem a destempo.

Deus no deve e haver tudo reconta.
 Salvo, quiçá, num negro contratempo
 Negativa não será a minha conta
 Se a Primavera me dourar o tempo.

E chorarei um dia qual advento
 Esperando Meu Deus o santo tempo
 Em que cairei feliz nos teus braços.

Verás que extasiada Te contemplo
 Fixada na beleza do teu Templo
 Seguindo majestosos, Teus, passos.

Maria Vitória Afonso – Cruz de Pau

uma nuvem doce e branca
 corta o silêncio do ser
 o frio gela a garganta
 noite breve que me espanta
 na saudade por dizer...
 quando alcanço o infinito
 lanço-me doido e, à deriva,
 atiro versos ao grito
 e doido de mim reflito
 a dançar com a própria vida...
 arde a alma em devaneios
 que voam na madrugada
 à garupa dos meus medos
 ao colo dos meus segredos
 na grandeza que sou nada...

Jorge Cortez – Suíça

OUTONO

O outono, a quietude, a solidão,
 O pôr-do-sol mais belo que há no mundo
 E um raiar de aurora bem profundo
 Que nos enche de sonho o coração.

Também há a tristeza pois então
 Que nos enche de dor até ao fundo
 E aquela nostalgia em que me afundo
 Quando a dor da saudade me estende a mão.

Passei o meu outono e não entendi
 Que o frio do meu inverno ia chegar
 Juntinho à primavera em que vivi.

Mas se hoje sou já velho e sei cantar
 Foi mesmo no meu verão que descobri
 Que o outono é mesmo eterno p'ra te amar.

Nogueira Pardal - Verdizela

**NÓS SOMOS LINDOS!**

A gente fica triste, velho, e feio,
o espelho não desmente o fim da história,
porém sonhar faz parte desse enleio
que volta a povoar nossa memória.

Sonhar requer antigos devaneios
que enfeitam majestosas emoções
numa saudade viva, onde os anseios
passeiam por sensíveis solidões.

Se alguém não quer saber de quem nós fomos,
contamos a nós mesmos, velhos fatos,
da obra que deixamos, cujos tomos
são muito mais que um
álbum de retratos.

No fundo, olhando essa juventude, tão frágil...
dependente de atenção,
carente de carinho... e de atitude,
lembramos nosso velho coração...

... heroico, resistente e que, a sós
com nossas mais sutis reflexões,
nos torna bem mais pais do que avós,
porque recebe e doa... afeições.

Notamos como somos resistentes...
contamos as feridas que curamos,
as dores muitas vezes renitentes
e os medos de perder quem nós amamos...

O espelho está ali... nos provocando,
tentando deletar a fantasia,
mas... se a saudade vai nos visitando,
desperta, com prazer, nossa alegria.

Olhamos nossas faces e sorrimos...
os sonhos são frágeis, mas não são fíndos...
... não é da nossa história que fugimos...
sorrimos... afinal... nós somos lindos!

Luiz Poeta - Luiz Gilberto de Barros.
Rj - Brasil

A FALA DO OLHAR

Os olhos, ao falar, são verdadeiros,
São livros que se podem ler por fora,
Têm luz, que a inocência não descora,
Ou flores abrindo em dias soalheiros.

Os olhos, ao falar, são os primeiros
Que choram, quando o tempo se demora,
Se os sonhos, que se esfumam, vão em-
bora,
Ou perdem a esperança os derradeiros.

Felizes são os olhos que se riem.
Dos olhos, que não olham, não se fiem,
Que escondem das palavras a traição.

Os olhos são fieis, se olham de frente,
Não fogem nem desviam de repente
E espelham limpidez no coração.

Tito Olívio - Faro

DIA APÓS DIA

Dia após dia, todos os dias,
Contemplava o crepúsculo
Na glória do amanhecer.

Não muito longe aquele outro
No decifrar de impávidos corações
Proclamava erros do Criador,
Desbaratando tempos de amor.

Será sacrilégio decifrar a curva da vida
Na palma da mão e querer saber
Qual o destino de viver sem destino?

Envolto por ecos e sorrisos da noite
Murmurava com ternura:
- Vem saudade, vem devagarinho
E toma conta de mim,
Embala-me em teus braços,
Assim, assim, com carinho.

João Coelho dos Santos - Lisboa

Que futuro nos reserva.

Mote

**Que futuro nos reserva?
Tombam nas más decisões...**

Discursam caras fingidas
Visam supérfluos descontos
Historiando os contos
Situações mal geridas
Com promessas não cumpridas
Pobre país sem visões
Bolveiros com divisões
Política que enerva
**Que futuro nos reserva?
Tombam nas más decisões...**

Pinhal Dias (Lahnip) PT
Montemor-o-Novo

Calhou bem esta chuvinha

Hoje na minha terra amada
acordei sobressaltado
com uma sonora trovoadas
que deixou tudo encharcado

Calhou bem esta chuvinha
para me regar as hortas
tinha gotas bem grossinhas
ressuscitou plantas mortas.

S. Pedro muito obrigado
pela tua generosidade
a praia fica do outro lado
prefiro o meu relvado regado
que o bronze da vaidade.

Vitalino Pinhal - Sesimbra

Falo com um livro. Estou sentado num banco a um canto do jardim.
Estou rodeado de estátuas e cogumelos de pedra muito antigos. Navego naquele verde e naquelas pedras e leio a cores já gastas.
Pássaros passam perto de mim. Não se assustam com a minha presença. É civilizada por certo a gente que por aqui passa; deduzo.
O jardim acaba num vidro enorme. Dentro uma biblioteca com uma mesa grande de leitura. Mais um convite para conversar com os livros. Convite que este clima ainda mais reforça. Escrever aqui dá mais prazer. É outra a luz.
O comer está pronto. Os pratos grandes. A comida generosa. Um sabor a província.
Uma senhora, muito mais velha que eu, parece querer tomar conta de mim. Preocupa-se com o meu estado de espírito. Com o que gosto de ler. Com o que gosto de ver. Com o que gosto de ser.
Conversamos.

Digo-lhe que Stonehenge é uma excepção no que gosto de ver. Claro que gosto de ver coisas que marcam o que somos. Mas amo as pessoas. Adoro estar numa esplanada a ver passar gente. Gente diversa. Da mais simples à mais sofisticada.
Há uma dança sem fim no andar de cada pessoa. Uma dança que nasceu com elas e é o seu modo de pertença.
Dançam agora as estátuas e as pedras do jardim... só eu vejo...

Jorge C Ferreira - Mafra

**«POETAS DA NOSSA TERRA»****"BIOGRAFIA"
"Chico Bento"**

José Francisco dos Santos Bento, nasceu no Alentejo, na Aldeia de Palheiros, concelho de Ourique, a 22 de Maio de 1962; de onde saiu aos cinco anos de idade, indo morar para uma quinta fora da aldeia (Estevão-Gil) onde viveu até aos 16 anos, cansado dos duros trabalhos do campo e guardar o gado desde que deixou a escola aos 12 anos de idade e com a sexta classe completa, saiu para trabalhar no Algarve, onde andou até ir para a tropa. Fez a tropa em Beja no RIBE, esteve na 2º Companhia de Instrução onde foi 1º cabo monitor, era o 1º cabo Bento. Terminada a tropa resolveu emigrar.

Em Abril 1986 Como emigrante na Suíça; sonhando com uma vida melhor, aí conheceu o amora de sua vida, uma linda minhota de Ponte de Lima.

O seu bichinho pela poesia começou de tenra idade, quando aluno da primária. O seu hobby é escrever poemas diversos. Desde 1986 que está registado na Sociedade Portuguesa de Autores; com muitos poemas registados, entre eles são imensos musicados e cantados tanto por grupos como por cantores a solo.

Os poemas que escreve e assina com "Chico Bento" e "Zé Bento" - são alguns dos seus pseudónimos autorizados pela Sociedade Portuguesa de Autores na qual está inscrito com o número 16594.

Outros pseudónimos usados por si - João Durão - Brito Castelhana - Albano Torrão - Serafim Ferreira ou Francisco Vilarinho. O meu principal objectivo é animar o seu grupo de amigos, por isso envia anedotas, saudações e poemas com ou sem humor. Faz parte de vários portais na Net; É membro de "Confrades da Poesia" – Montemor-o-Novo - Portugal

Página de Confrade - <http://www.confradesdapoesia.pt/Biografia/ChicoBento.htm>

QUEM PODE VIVER ASSIM

Mote

**Não me canso de dizer
Onde é que isto vai parar
Não se pode assim viver
Pois está tudo a aumentar**

Glosa

Todos culpam a inflação
Do que está a acontecer
Sem culpar a guerra então
Não me canso de dizer

Quem pode viver assim
Grita o povo a reclamar
Está mesmo a ficar ruim
Onde é que isto vai parar

O governo ganha milhões
E para o povo se entreter
Distribui só alguns tostões
Não se pode assim viver

O governo diz que ajuda
Para esta crise atenuar
O povo que não se iluda
Pois está tudo a aumentar.

Chico Bento
Anais-Ponte de Lima

RECEBE AMOR ESTA ROSA

1
Quero dar-te esta rosa
Pra te lembrares de mim
Perfumada e formosa
Criada no meu jardim
Esta rosa que apanhei
Logo pela manhãzinha
Foi para ti que a criei
Das flores és a rainha

Refrão 2 X
Recebe amor esta rosa
Tão vermelha e airosa
No meu jardim criada
Da roseira que plantei
Esta rosa um dia roubei
Para dar á minha amada
2
A rosa, símbolo de amor
Que se dá ou se recebe
Teu sorriso fonte de calor
Onde o meu olhar bebe
A rosa que te ofereci
Recebeste com carinho
Quero amor junto de ti
Seguir o nosso caminho.

Chico Bento
Anais-Ponte de Lima

QUIS UM DIA SER LADRÃO

Quis um dia ser ladrão
Fui preso, pedi clemência
O governo disse que não
Não aceita concorrência

Vendo tanta a gente a gamar
O que me lembrei eu então
Pus-me no assunto a pensar
Quis um dia ser ladrão

Fiquei bastante arrependido
De ter descido na decência
E num dia mal sucedido
Fui preso, pedi clemência

Para a paga do mal que fiz
Fui condenado á prisão
E um poema escrever quis
O governo disse que não

Passei no xadrez um inferno
Cheguei quase á demência
Disse-me o chefe do governo
Não aceita concorrência.

Chico Bento
Pseudónimo: Serafim Ferreira
Anais-Ponte de Lima



**Em Nome de Portugal**

Pedro Álvares Cabral,
Ídolo feito na luz,
Em nome de Portugal
Descobriu Vera Cruz.
Importância fundamental
Desenvolveu integrou
Comunidade original

Qualificada singeleza,
Tornou muito mais
Fértil a língua portuguesa.
Mas... as lutas foram fatais,
Nesse tempo de outrora,
Muitas vidas se perderam.

População foi crescendo,
Oriunda doutras paragens,
Gentes, meses, anos corridos
Afectos respeitam memórias,
Sentindo justiça, origens,
Do povo que é nascente,
Carenciado pela história
Tez morena contribuidora.

Vera Cruz produção,
Rusticidade marcada,
Onde bate forte o coração
Do Brasil que é natural,
Sem voz na capital
Testemunho do mundo
Homenagem sobre tudo.

Ao ciclo que transmite
Mudança importante,
Feita imagem de Jesus,
Povo de Vera Cruz,
Ainda anda á procura
Da terra prometida.

Luís Filipe N. Fernandes
Amora

REFLEXÃO

Amanheceu cedo demais;
Porque o dia prometia
Vir a ser bem longo e quase vazio.

Entardeceu tarde demais,
Já que a noite garantia
Passagem para o dia cheio como rio.

Quim d'Abreu - Almada

A poesia é arte
para um poeta de raça
que nenhum leitor se farte
pelos poemas que ele faça

Vitalino Pinhal - Sesimbra

A Todos que o receberem

Deus é Santo! Deus é puro!
Deus não suporta o pecado!
Todo o homem é pecador
E já nasce condenado.

Não temos qualquer poder
Para nos purificar!
Só Deus nos pôde valer,
Ao Seu filho nos enviar.

Era Deus em carne humana!
Sem pecado! E a razão
Pela qual Deus o enviou,
Foi pra nossa salvação.

Confiemos só em Jesus!
Com fé! Deixando os maus trilhos!
Pois todos que O receberem,
Deus perdoa e dá o poder
De serem feitos seus filhos.

Anabela Dias
Paivas/Amora

INQUIETANTES

Inquietantes momentos
Sentidos!...
É o vento que passa ...
A nuvem que sombreia
Um gélido toque
O Sol que se esconde
Um abraço
Que não chega
Um beijo
Sonhado
Um dia começado
Inquietantes momentos
Frios ... escaldantes ...
Sonhos ...
Inquietantes ...
Corpo em luta ...
Desespero constante!...
Não sei se Vivo?...
Se Morro ...
Sei que perduro ...
No tempo ...
Busco ...
E guardo o sonho ...
Inquietantes,
Serão sempre os momentos
Que me deixam
Em desespero ...
Neste Vazio
Guardado no tempo!...

MAGUI - Sesimbra

**Elas**

Elas povoam nosso interior
Não temos a noção da sua riqueza
Emocionamo-nos com seu fulgor
E sentimos a força da sua beleza

É algo que para nós é credor
Talvez da dúvida ou da incerteza
Pois o mérito do seu esplendor
Vem do espontâneo de sua leveza.

Agradeço a Freud sua descoberta
Ajudou-me a ter uma mente aberta
E serve-me da introspecção.

Os poetas são-lhes devedores
Tiraram de sua obra os valores
E palavras que aquecem o coração.

Maria Vitória Afonso – Cruz de Pau

“DA JANELA DO MEU QUARTO”

Da janela do meu quarto
Vejo o mundo em aguarela
Naquela sinfonia singela
Não dá bem para perceber
É lindo mesmo de se ver
É como um quadro abstrato

Vejo o nascer do belo astro rei
Que dura quase toda a manhã
Gaivotas são um belo talismã
Vêm avisar que o meu mar
Não está mesmo a brincar
Quero ver até onde eu irei

Já a noite está quase a chegar
O céu vai mudando de cor
As estrelas brilham com fulgor
Lá vem a bela lua apaixonada
Nunca me deixou decepcionada
Gosto mesmo de com ela amar

Tenho uma bela varanda
De onde vejo o meu largo
Não há nele desembargo
P’la minha porta entreaberta
Nesta rua hoje quase deserta
Está tocando aquela banda

Gosto mesmo de aqui estar
Da dita janela vejo a serra
É maravilhosa a minha terra
Bela esta Sesimbra piscatória
Ficará p’ra sempre na memória
Não consigo deixar de amar

Se um dia me for embora
Levo no peito esta saudade
Desta janela sem maldade
Onde quase sempre fui feliz
Aqui ouvi belos risos infantis
Onde o amor ainda vive agora...

MAGDA BRAZINHA.– Sesimbra



O Português merecia um monumento!

Quem no Brasil a linda mulata inventou
Foi, sem contestação, o português,
Que, através dos tempos, espalhou,
Por todo o Brasil, o que melhor ele fez!

No coito salutar o lusitano
Gosta de apreciar bem todos os sabores,
Não olhando a cor da mulher, o magano.
É como o jardineiro que ama todas as flores.

Assim tem sido sempre aqui,
Na China, no Japão,
Em Angola, na Índia, no Haiti
E até mesmo nas Ilhas Salomão!

O português, sempre imbuído de amor profundo,
Com gentil maneira
E sem bravata,
Fez da brasileira
A mulher mais formosa deste mundo,
E onde se destaca a mulata!

Portugal!
Viva o Brasil, que é País irmão!
Viva sobretudo a miscigenação!
Viva o amor universal!

Hermilo Rogério – Paivas/Amora

Se um dia se apaixonarem

Se um dia se apaixonarem!?
Como eu me apaixonei
Pela musa de meus sonhos
Minha casta, lírica, poética donzela
Por ela!
Só por ela, meu joelho, se ajoelhou
Só por ela, me apaixonei
Por ela, ao pincaro mais alto subiria, subirei!
És fruto de outras castas
És fruto de minha afeição
Benzida, por mim beijada
Em ternura acariciada
Com eu nunca acariciei!
Retribui-te todo meu carinho
Retribui- te todo meu afecto
Atribui- te o meu amor!
Defende -o com muita garra
Atribuindo- lhe babilónico apego
Assoberbante, magnificante tributo
De inolvidável dileção de amor

Fernando Carlos Correia de Vasconcelos
Seixal



NÃO É JUSTO

Por vezes, me põe louco este dislate:
É termos, num milhão, um só magnate.

Me dói esta injustiça social
De tantos a viverem na pobreza,
Em casas más, comendo sempre mal,
Embora seja lei da natureza.

Sem pobres, não podia haver os ricos,
Mas não é justo haver tal displicência.
Alguém tem de mandar, quebrar os bicos,
E isso é pràs cabeças com ciência,

Mas terem, uns, pra lá do que é fartura,
Sempre ávidos de terem muito mais;
Enquanto a populaça se tortura
E sofre, tendo fome por demais.

Que posso fazer eu, formiga triste,
Com gente que só vive, porque existe?

Tito Olívio - Faro

O Pescador

Por ser obra do destino
Começa desde menino,
A labutar na faina do mar.
No olhar traz descoberto.
Quanto despeito sente tão perto.
O pescador que tanto ama...
Tudo o que ascende na alma

Apenas o seu ser de amor
Aclama suaves os brilhos,
No mundo que imunda a calma
Dia após dia pensa na família.
Nessa vida cheia de sarilhos,
Bebe manhãs de nevoeiro
Sobre esse mar traçoero.

Penetra em si no interior,
O calor do sangue nas veias,
Entre o luar e a sombra
Caminha com mil ideias
O destemido e nobre pescador
Parte sempre em viagem,
Com o rosto fixo na paisagem.

Flutua na vida que tanto ama...
Com a luz do sol no esplendor,
Enaltece o dote do seu ser,
Na imensidão do Oceano.
Afogam-se as lágrimas de dor,
Que inundam o coração e a calma,
Na transparência do ser que não é...
A inteligência das leis do poder

Luís Filipe N. Fernandes
Amora

O vazio das palavras

Peguei, eu, nas palavras
Para um poema formar.
Coloquei nelas: melodias,
Mel, cambiantes de luz...
Coloquei pétalas macias...
Mil estrelas cintilantes...
Tintas, cores inebriantes...

Todo o esforço foi em vão!
Frustrada foi a intenção!...
As palavras são vazias...
Patéticas, sem euforia
Para um poema formar
E poder manifestar
O meu afecto, em turbilhão,
Que jorra, sem expressão!

Filomena Gomes Camacho
Londres

À praia eu fui-me banhar,
Aproveitando as marés...
E apanhei para petiscar,
Estes belos "Burriés".

Já está frio p'ra estes combates,
E tive que me pôr logo a milhas...
Fui pr'á água com dois tomates,
E saí com duas ervilhas!

Manuel Nobre -- Sines

Outono trás Beleza e desengano!

Eis que o Outono chegou,
O Verão que já findou
Como sempre, cada ano!
O ciclo da Natureza
Traz-nos alguma Beleza,
Também algum desengano!

(JP) - Portimão

SOTAQUE

Esse sotaque
Nosso,
Nosso,
da Terra Nossa,
essa batida
que logo nos leva
a nos reconhecer
fora da Dela,
esse falar é divino.
é de longe.

José Jacinto "Django"
Casal do Marco/Seixal

**Segredos,
substrato do vazio**

{Sinto os minutos passarem..
/Minha mente viaja..
/Chego ao fundo dos mistérios.}

Mistérios?
Labirintos totais!

Mente...
Enigma!

Sabedoria.
Começo e
Fim.

Tudo e
Nada.

Uma razão no abstrato...
Uma emoção no presente...
Substrato do vazio!
Um nada revertido
Invertido
Cauteloso e zerado!

Fuga...
Decreto...
Lei!

Amargura e
Ternura.
Mistura homo(gênea)

Paradigma?
Futuro
Presente...
Passado.
Hetero(gêneo) vago...
Espaço (im)penetrável,
(Im)palpável.
Recôndito dos deuses.
Sempre preenchido,
Mas substrato do vazio.

(Que busca incansável!!)

Mente...
Mente para tua mente:
"Mente que sabe
Segredos!"

Anna Paes – Brasília/BR

“EU, SOU EU!”

JOÃO, p’lo meu padrinho é chamado
DA PALMA, pelo lado de minha mãe
FERNANDES, p’lo meu pai, meu nome vem,
E assim por estes três fui batizado!

Destes todos há um que completado
Não se vai confundir com mais ninguém!
Onde estou, aparece mal ou bem
Por ele, sempre sou apresentado!

Na Cédula de seguida registado
O nome que eu viria a carregar
Comigo, para sempre em todo o lado!

P’la vida, vou assim continuar
Jamais este meu nome será mudado,
Enquanto aqui na terra eu habitar!

João da Palma - Portimão

Aparição

Esta alva aparição que me visita
é alma pura ou anjo protector
que me vem consolar nesta desdita,
que me vem consolar na minha dor.

Nunca te vi mas sei-te bela flor
do meu jardim onde adormece o sol,
onde adormeço, exausto, sem rancor,
vela de barco em busca de farol.

Hei-de encontrar-te um dia, sem esperar,
e, sentado debaixo das palmeiras,
cantar-te-ei cantigas verdadeiras,
daquelas que os avós sabem cantar.

São melodias de curar saudades
que não deixam ninguém indiferente,
que atravessaram vidas e poentes
cantando sempre e só puras verdades.

José Catalão – Almada

**É final que não resulta**

Mote

**É final que não resulta
De uma má fé e crença...**

Pastoreio dos pastores
A conduzir as ovelhas
Lobos com dentes de grelhas
Vingam os maus condutores
Com seitas de impostores
Negrumes da diferença
Que cobram bens de pertença
Sem a prévia consulta
**É final que não resulta
De uma má fé e crença...**

Pinhal Dias (Lahnip) PT
Montemor-o-Novo

EU CANTO AO MAR

Cantei os meus versos escritos na areia
Na praia deserta ao som da maresia
As ondas a compasso, o som da sereia
Embalavam com doçura a mãe poesia!

A música de sonho e magia me enleia!
Um eco à distância o mar me trazia
Como um farol a luz me incendeia
Entrava na alma – maré de acalmia!

Nas vagas de sonho – pauta musical
Enleadas na rede dum vasto areal...
O mar canta p’ra mim a toda a hora...

Nas ondes singelas, em cada recanto
Somente o mar dá voz ao meu canto
Levada nas ondas pela vida fora!

Canto ao mar da minha gente
Canto ao mar do coração
A cada onda que sente
Portugal minha Nação

Maria José Fraqueza
Fuzeta

Apontamentos

A música que ele dança com ela mais ninguém ouve. Uma música que vem de muito longe. Os dois descalços deslizam sobre o encerado de uma sala antiga. Corpos benditos. Um chão de aventura. A um canto alguém ensaia a vida num varão. No silêncio se completam.
Uma dança sem destino.

Jorge C Ferreira - Mafra



- SANTÍSSIMO NOME DE MARIA

Escuta, lê e medita.
A Bíblia é fonte inesgotável e eterna
De água sempre fresca e pura.
Abre teus olhos à Fé.
A dimensão gnoseológica de cada um,
Diversa é.
Não se explica a Fé. Existe!

Deus
Não nos dá tudo que queremos
Mas tudo o que nos prometeu nos deu.

O marginal,
Desprezado e abandonado pelos homens,
É quem mais sente as ternuras de Deus.
Porque Sua beleza o cativa e arrebatava
Num retiro de silêncio e de paz,
Junta as mãos e inicia uma prece.
Breve bradarão silêncios em seu coração!

Na divina composição do universo
Céu não é o mesmo que firmamento
Só o Céu é sobrenatural.

Cristão, não te cales, canta a tua Fé.
A nossa esperança,
Verdade e autenticidade
Está no Santíssimo nome de Maria.

Mãe de Deus, rogai por nós!

João Coelho dos Santos - Lisboa
(Do livro NA MÃO DE DEUS)

EGOCENTRISTA TU ÉS! (A quem serve a carapuça?)

Tu, que tanto me críticas,
Que fazes por teu irmão?
Nada fazes, nada arriscas,
A ninguém tu das a mão.

Vives metido pra dentro,
Num egoísmo profundo,
Pensando que és o centro,
O apogeu deste mundo.

Nadinha mesmo te diz
O sofrer do teu vizinho.
Como podes ser feliz
Com um viver tão daninho?

Andas sempre acomodado,
Bem ao sabor das marés.
O Inferno está lotado
De tipos como tu és!

Hermilo Grave
Paivas/Amora



“HOJE ACORDEI ASSIM”

Hoje acordei assim!
Num derramar de alma
vesti pedaços de infância
voltei à juventude
embarquei no barco dos sonhos
não importa a distância
ainda sei dançar ao compasso do tango
ainda sei sonhar
ainda sei amar
ainda sei viver...
Desperto as emoções
sacudo a poeira do tempo
revivo a vida
abraçando o amor
entre sorrisos e marés
há beijos prometidos
há olhares perdidos
há entrelaços de amor...
Embarco naquele barco
onde viajam os meus sonhos
vou ao compasso do tango
danço...danço...
Amo...amo...
Apesar de por vezes dizerem
que é ridículo
dançar o tango e amar assim na minha idade...
Mas eu não tenho idade
o tempo não me conseguiu ensinar
ele não me respeitou
nem respeitou nada
a minha ingenuidade
a minha maneira de ser
ele alterou os meus planos
Mas eu venci-o...
Saí por cima...
Fiz tudo à minha maneira...
Apesar de ele ter passado por mim...
Hoje acordei assim...
MAGDA BRAZINHA.

MAGDA BRAZINHA.
Sesimbra



Eu fundei o Mensageiro.

Mote

Eu fundei o Mensageiro Que me deu muita alegria...

Com pombinha prometida
Luís Fernandes eu sou
Poeta que agradou
Em Amora destes vida
Numa alma convertida
Mensageiro Poesia
Amigos satisfazia
Correu o mundo inteiro
Eu fundei o Mensageiro
Que me deu muita alegria...

Luís Filipe Fernandes
Amora / Portugal

EGOCENTRISTA TU ÉS! (A quem serve a carapuça?)

Tu, que tanto me críticas,
Que fazes por teu irmão?
Nada fazes, nada arriscas,
A ninguém tu das a mão.

Vives metido pra dentro,
Num egoísmo profundo,
Pensando que és o centro,
O apogeu deste mundo.

Nadinha mesmo te diz
O sofrer do teu vizinho.
Como podes ser feliz
Com um viver tão daninho?

Andas sempre acomodado,
Bem ao sabor das marés.
O Inferno está lotado
De tipos como tu és!

Hermilo Grave
Paivas/Amora

MOMENTOS

Há uma terrível angústia
No escorrer lento das horas,
Porque me falam de não ter vez.

Para gritar que quero e posso,
Dar ao amor boas notícias
Que diminuam a dor de não as ter.

Saber que os outros podem
Sentir do amor o odor doce
E a liberdade de o poderem fazer;

Mais me faz a mim perceber
Que no escorrer lento das horas
Há uma terrível angústia.

Quim d'Abreu - Almada

Da verdade do amor

Da verdade do amor se meditam
relatos de viagens confissões
e sempre excede a vida
esse segredo que tanto desdém
guarda de ser dito

pouco importa em quantas derrotas
te lançou
as dores os naufrágios escondidos
com eles aprendeste a navegação
dos oceanos gelados

não se deve explicar demasiado cedo
atrás das coisas
o seu brilho cresce
sem rumor

Cardeal José Tolentino de Mendonça
Vaticano

**Poema**

Eu sei que para muitos a poesia é coisa chata,
aborrecida,
sonolenta,
coisa incomoda.
- Uma perda de tempo e sem qualquer interesse para ser lida ou mesmo
para ser ouvida.

São palavras incompreendidas.
Uma meada, sem fio.
Palavras, sem interesse.
Palavras escritas por lunáticos e utópicos;
dirão muitos que não gostam de poesia.
Mas em alguns casos poderão até gostar de quem as escreve,
mas não do que escrevem.
E o poeta dirá a tudo isto:
Pois é,
eu sei disso,
e até mais do que supostamente eu sei,
e do que eles dizem e não sabem por que não gostam de poesia.

Mas eu que escrevo para quem gosta e me lê,
e não me lê,
fico sempre a olhar para a mesa onde coloco o pão,
a água, o afeto e penso:

Que pena haver ainda tanta e tanta gente em não gostar de poesia!?

Ai se os poetas deixassem de escrever,
com certeza,
as flores do meu jardim morreriam secas,
e nunca mais veríamos o Sol brilhar,
a Lua sorrir,
o amor sentir o amor sentido.

Poeta,
continua a escrever.

Há quem precise de ti!

Joellira - Amora

**Tu meu soneto**

Doze meses sem eu te ver
Um ano de tamanha solidão
Partiste, foste sem nada dizer
E contigo levaste meu coração

Também metade de mim
Voo e foi para o espaço
Não consigo viver assim
Sem teu amor e teu abraço

Chega de tanta saudade
Quero contigo me juntar
Aguardo que o dia venha

E devolvas minha metade
Para num ápice te abraçar
E afastar esta dor tamanha

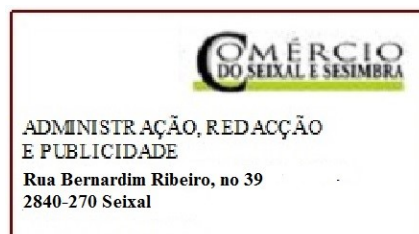
Herculano Montagreste
Alenquer

"NO INFINITO DO AMOR "

*Flui o pensamento e o ser
P'ra onde não há, espaço nem tempo
Nem rosas brancas a desfalecer
Nem pétalas perdidas ao vento !*

*Nem guerra, raça ou cor
Nem luta de bens materiais
Mas corpos, de Luz e amor
Protegem na terra, os mortais.*

Maria Rita Parada
Pedome, Valpaços
LISBOA



As fotos deste Boletim
são dos autores e
outras da Internet

«A Direcção agradece a todos os que contribuíram
para a feitura deste Boletim».

Voltamos a 2/12/22



Eu sou , tu és ele é, nós somos nada
nesta forma temporal do verbo ser
somos sementes que teimamos em não morrer
somos o sol que escurece na alvorada

Somos sementes daninhas em solo degradado
somos almas que caminham sem destino
somos poemas que fadistas cantam sem terem fado
somos idosos com pensamentos de menino

Somos de barro moldado como Adão,
que um dia o tempo irá comer
mas que por força nossa dizemos não
adiando sempre o que terá que acontecer.

Cada dia que vem ...nasce a esperança
que muitos outros dias hão-de vir
 façamos do temporal da vida uma bonança
 façamos com que a nossa alma possa sorrir

Nunca deixes ser alma penada
porque seres feliz está na tua mão
eu sou tu és ele é nós somos nada
porque esta vida é uma ilusão

Vitalino Pinhal - Sesimbra

SER POETA

Ser poeta é ser sonhador
Que sonha com seus versos.
Eu sonho versos de amor
E outros tão controversos.

Enquanto sonha o poeta
E tudo em redor é magia...
Histórias que a vida acarreta
Ora de tristeza, ora de alegria.

Estados de alma no poeta,
Por vezes parece ausente.
Só a satisfação é completa,
Quando transmite o que sente.

Paz, amor, saudade ou alegria,
Solidão, tristeza, dor, sofrimento.
São os estados que na poesia,
Eu sinto, vibro, choro ou lamento.

Às vezes a sofrer, às vezes feliz.
Ao escrever nunca mente.
E se o poeta sente o que diz...
Quando escreve, diz o que sente.

Maria de Jesus Procópio
Paivas/Amora



AGRESSOR-VÍTIMA

Aponta-lhe a pistola e diz: “Escuta cá,
Eu só falo uma vez, passa p’ra cá o cacau,
Senão eu vou ser mau, mas mesmo muito mau,
Rebento-te os miolos, podes crer, e é já!”

Dois acodem, há socos, hoje apanhas, pá,
Dispara-se a pistola, enquanto um varapau
Desvaria, carrega, autêntico sarau
No corpo do agressor, sacana, toma lá!

Invertem-se os papéis, o reles do ladrão
Em vítima se armou, para geral surpresa,
E queixa apresentou por danos corporais.

O Tribunal, é claro, não lhe deu razão,
Que na tarefa viu legítima defesa,
E muita sorte foi não ter levado mais.

Lauro Portugal – Lisboa
LP, “Portugal em Desvario Geral”,
ed. SPAutores, 2019



Hoje o dia fugiu frio soprado e apressado...
Depressa se escondeu no estrelado breu
Com suave sabor a um néctar salgado
No arvoredado onde se aquieta o silêncio
E minha tristeza se recolhe como seu abrigo...

Até o Sol hoje caiu baço no Poente...
Porque dentro de mim existes em meus caprichos
De onde me roubas abraços, beijos e afagos...
No meu silêncio ausente dos meus sonhos
Vivem presentes os que a vida me tirou

Vou fugir e fingir que me escondo na noite escura
Porque no dia claro tudo é falso e é desacordo
Nem o fru fru das asas dos sonhos me atraí...
Às vezes ouço a tua voz chamar-me imaculada
Mas já não me importo... só o escarlate do Poente me anima...

Edgar Faustino - Sesimbra

A CARTA

I - Implantado na janela vejo o mar
S - Sinto que devo escrever
A - A carta que sempre te prometi
B - Bem.... A preguiça tão real e tão presente
E - Esperou para o amanhã longo e distante...
L - Levará esta onda que parte uma carta, é aquela carta!

F - Fui sempre assim atrasado e
U - Uma espécie do nada
R - Recordo ontem e amanhã
T - Tenho hoje aqui e sem presente
A - Aproveito para te dar de presente
D - Diz que aceitas por favor
O - O único tesouro que me resta!

João Furtado – Praia / Cabo Verde